



---

## RESENHAS – REVIEWS

---

### Günther Anders chega ao Brasil para impedir o fim do mundo

Ricardo Mateus Thomaz de Aquino<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Ouro Preto  
[aquinoricardo@outlook.com](mailto:aquinoricardo@outlook.com)

Como citar esta resenha: AQUINO, R. M. T. Günther Anders chega ao Brasil para impedir o fim do mundo. Resenha da obra de: ANDERS, Günther. Nós, filhos de Eichmann: carta aberta a Klaus Eichmann. Tradução: Felipe Catalani. São Paulo: Editora Elefante, 2023, 112 p. In: *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº16, pp. 167-185. 2023. Disponível em <http://revistas.usp.br/revistaintelligere>. Acesso em dd/mm/aaaa.

**Resumo:** Esta resenha apresenta e discute a publicação brasileira de *Wir Eichmannsöhne: offener Brief na Klaus Eichmann* (2001), obra que reúne as cartas do filósofo alemão Günther Anders endereçadas a Klaus Eichmann – filho do algoz nazista Adolf Eichmann – nas décadas de 1960 e 1980. Versado diretamente da edição alemã por Felipe Catalani, *Nós, filhos de Eichmann* veio a público pela *Editora Elefante* (março/2023). O livro interrompe um hiato de pelo menos 16 anos do último volume de Anders publicado no país: a reedição de *Kafka: pró & contra*, pela Editora *Cosac Naify*, em 2007 – o original data de 1969 pela *Editora Perspectiva*. A resenha que segue enfatiza as principais categorias mobilizadas por Anders no decorrer de sua obra, em particular *discrepância prometeica* e *monstruosidade*. Falamos de seu estilo literário e seu rigor filosófico. Destacamos o tom crítico à sociedade moderna a partir de reflexões políticas e morais. Enfatizamos o vínculo de seu pensamento com uma tradição intelectual conhecida como antropologia filosófica. Observamos as relações entre responsabilidade e consciência histórica. Por fim, expressamos o desejo pela continuidade das traduções de Günther Anders no Brasil, em especial de seu monumental *Die Antiquiertheit des Menschen* (A obsolescência do homem).

**Palavras-chave:** Günther Anders. Discrepância Prometeica. Monstruosidade. História. Técnica.

---

<sup>1</sup> Ricardo Mateus Thomaz de Aquino. Mestrando em História (Ideias, Linguagens e Historiografia) pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista FAPEMIG. Graduado em História também pela UFOP.

### *Günther Anders in Brazil and the end of the world*

**Abstract:** This review presents and discusses the Brazilian publication of *Wir Eichmannsöhne: offener Brief an Klaus Eichmann* (2001), a work that brings together the letters of the German philosopher Günther Anders addressed to Klaus Eichmann – son of the Nazi executioner Adolf Eichmann – in the 60s and 80s. Translated directly from the German edition by Felipe Catalani, *Nós, filhos de Eichmann*, has been published by *Editora Elefante* (March 2023). The book interrupts a hiatus of at least 16 years since Anders' last volume was published in the country: the reissue of *Kafka: pro & contra*, by *Editora Cosac Naify*, in 2007 – the original dates from 1969 by *Editora Perspectiva*. The following review emphasizes the main categories mobilized by Anders throughout his work, in particular *promethean discrepancy* and *monstrosity*. We discuss his literary style and philosophical rigor. We highlight the critical tone of his political and moral reflections on modern society. We emphasize the link between his thought and an intellectual tradition known as philosophical anthropology. We look at the relationship between responsibility and historical consciousness. Finally, we express our desire for the continuation of translations of Günther Anders in Brazil, especially his monumental *Die Antiquiertheit des Menschen* (The Obsolescence of Man).

**Keywords:** Günther Anders. Promethean Discrepancy. Monstrosity. History. Technology.

**Resenha:** ANDERS, Günther. **Nós, filhos de Eichmann:** carta aberta a Klaus Eichmann. Tradução: Felipe Catalani. São Paulo: Editora Elefante, 2023, 112 p.

History licked the corners of its bloody mouth  
(A história lambia os cantos da boca sangrenta)

Charles Simic, Paradise Motel.

Há um icônico relógio que marca os nossos passos em direção ao fim do mundo. Esse relógio não pode parar seu *tic-tac* frenético. Enquanto a humanidade existir ele não vai cessar seus ponteiros. A situação tornou-se irreversível. Alguma voz latente sobre nossas cabeças recorda que o tempo está sempre acabando. Ele caminha em direção ao abismo e não é possível convencê-lo a volver: talvez possamos somente adiar sua marcha. *Doomsday Clock* é o nome do relógio simbólico que contabiliza, desde 1947, os minutos e os segundos que nos separam da autodestruição derradeira. Ou ainda, na sua

própria metáfora, os minutos e os segundos para a *meia-noite*.<sup>2</sup> O *Relógio do Juízo Final* – tradução livre – é uma ação promovida pelo *Bulletin of the Atomic Scientists*, um comitê fundado no pós-guerra, em 1945, por Albert Einstein e outros importantes cientistas norte-americanos. Incluindo alguns – como é o caso de J. R. Oppenheimer – que cooperaram no desenvolvimento das primeiras bombas atômicas pelo *Projeto Manhattan*, durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>3</sup> Idealizado em 1947, dois anos mais tarde da constituição do *Bulletin*, o objetivo do *Doomsday Clock* têm sido continuamente propor estratégias midiáticas e estéticas capazes de advertir e de informar um público diverso – o que inclui desde outros cientistas e gestores públicos até uma audiência leiga interessada nos temas do boletim – sobre nossa crescente vulnerabilidade ao extermínio das condições de existência no Planeta Terra, ocasionado por um confronto nuclear ou pelo desastre ecológico subsequente. Trata-se, é claro, de uma provocação social e política de abrangência coletiva. Uma metáfora pertinente e incômoda a respeito dos rumos que tomamos – e que tomaremos adiante – enquanto sociedade que manipula de modo cada vez mais agressivo suas tecnologias – em especial as tecnologias militares. Elaborado no contexto da corrida armamentista nuclear entre os Estados Unidos e União Soviética, na Guerra Fria, o *Doomsday Clock* recentemente moveu-se para um nível crítico: seus ponteiros, que já haviam atingido em 2022 uma insólita marca de 100 segundos, em 2023 passaram a indicar que restam 90 segundos para a meia-noite. “*A time of unprecedented danger: It is 90 seconds to midnight*”, aparece em seu site. A pandemia do coronavírus; a guerra entre Rússia e Ucrânia; e as especulações de um conflito nuclear entre os Estados Unidos e a China, são alguns fatores que induziram o Conselho de Ciência e Segurança do *Bulletin* a deliberar pela movimentação dos ponteiros a um estágio alarmante.

A obra de Günther Anders (1902-1992, pseudônimo de Günther Stern) pode ser encarada como um autêntico *Relógio do Apocalipse*. O filósofo austro-alemão dedicou grande parte de sua vida – em particular se observamos as publicações e intervenções a partir de 1950 – para pensar,

<sup>2</sup> Para obter informações detalhadas, o leitor pode acessar o site oficial do *Doomsday Clock*: [https://thebulletin.org/doomsday-clock/#nav\\_menu](https://thebulletin.org/doomsday-clock/#nav_menu)

<sup>3</sup> Um rápido e informativo artigo sobre o *Projeto Manhattan* pode ser visto em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Projeto\\_Manhattan](https://pt.wikipedia.org/wiki/Projeto_Manhattan)

escrever e envolver-se politicamente contrário a expansão do progresso técnico-militar em relação às armas nucleares. Anders deve ser estimado – dentre aqueles que se atentaram ao fenômeno da técnica no século XX – como um intelectual intransigente em seus compromissos teóricos e ético-políticos (a separação ente filosofar e atuar politicamente é, de tal modo, injusta no caso de Anders). Günther Anders, por exemplo, não enxergaria razões em um argumento sobre a irracionalidade do *Doomsday Clock*, isto é: como um alarde desnecessário. As declarações que culpassem tal iniciativa de propagar um estado generalizado de pânico soariam covardes. Para Anders, a sensibilidade apropriada para que o *tempo do fim* não converta-se no *fim dos tempos* é a “coragem de ter medo” (Anders, 2013, p. 6). Seus textos, que alguns classificam como excessivamente pessimistas, não revelam um autor apático diante do escatológico – e muito menos alguém que, concretizadas suas profecias, estará em meio aos destroços para dizer: “eu avisei!”. O fato é que não restará ninguém para tatear os destroços da calamidade. Anders lamentava “não haver nada mais assustador que estar certo” (Anders, 2013, p. 11). Em sua escrita encontram-se afetos como a revolta, a aversão, o medo e a esperança. Em meio a atual e gradativa *desumanização* da condição humana há uma *chance* mínima, dirá Anders. E tal *chance* reside justamente no que fazer a partir do fracasso da imaginação perante as gigantescas proporções tomadas pelo desumano. Quer dizer: a condenação ao fracasso é certa, mas há algo para ser feito após nossa cultura e nossa humanidade sucumbir perante a técnica. Para Anders, é preciso apontar as engrenagens que organizam o apocalipse. Perceber e combatê-las passa por sistematizar no nível heurístico (seja por descrições densas ou por conceitos sínteses) os gestos que as movimentam, até mesmo e principalmente os gestos mais inocentes dos homens. É necessário “descobrir de modo inequívoco o que nós realmente temos que combater” (Anders, 2023, p. 22), para que sejamos *anti-apocalípticos*.

Após o instigante livro de crítica literária *Kafka: pró & contra* (Perspectiva, 1969; Cosac Naify, 2007) – e com a lacuna de pelo menos 16 anos entre um e outro (a contar sua reedição) – *Nós, filhos de Eichmann* é o segundo livro de Günther Anders que chega ao Brasil em língua portuguesa. Nesse entretempo, foram publicados três pequenos e importantes ensaios de



Anders: as contundentes *Teses para a era atômica* (2013); e dois escritos de juventude sobre fenomenologia e antropologia filosófica: *Sobre o olhar* e *Homo animal jacens* (ambos de 2021). Existem ainda outros excertos de Günther Anders traduzidos para o português de Portugal, reunidos em uma coletânea sobre filosofia da técnica. São três capítulos do segundo tomo da obra *Die Antiquiertheit des Menschen*, e que tratam da obsolescência do trabalho (*Arbeit*), das máquinas (*Maschinen*) e da história (*Geschichte*).<sup>4</sup> Os textos de Anders – que podem ser encontrados com relativa facilidade em traduções para o inglês, o espanhol, o francês e o italiano, por exemplo – talvez estejam prestes a encontrar no Brasil seus leitores mais engajados em confrontar o *tempo do fim*. Leitores que buscam expandir suas mobilizações políticas e incorporar linguagens que os tornem aptos para reagir contra os precários futuros e as generosas contribuições ao *fim dos tempos* legadas pelo governo Bolsonaro.

Publicado pelo selo editorial *Elefante* e traduzido por Felipe Catalani, *Nós, filhos de Eichmann* reúne duas correspondências que Günther Anders dirigiu a Klaus Eichmann, herdeiro do carrasco nazista Adolf Eichmann. Morto em 1962 após receber a sentença à forca por um tribunal em Israel, Adolf foi um oficial de importante patente militar no regime nacional-socialista, apontado como o maior dos responsáveis pela organização logística do Holocausto. A primeira carta de Anders data de 1962, logo após a execução de Adolf, e encaminhada no ano seguinte para Klaus, em 1963. Sua segunda missiva foi escrita no final dos anos 1980, e enviada para Klaus em abril de 1988, passados cerca de 25 anos da primeira correspondência. O gesto de escrever cartas – o caráter missivista que marca a elaboração filosófica de Anders – adquire uma finalidade pública, quer dizer: não limita-se ao âmbito da

<sup>4</sup> Felipe Catalani, tradutor de *Nós, filhos de Eichmann*, versou para o português outros dois textos de Anders que foram publicados em 2021 nos *Cadernos de Tradução LELPraT* (Laboratório de Estudos de Linguagem e Práticas de Tradução), iniciativa do departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Tratam-se dos ensaios – sem datação explícita no conjunto da obra de Anders – intitulados *Sobre o olhar* e *Homo animal jacens*. Existe também em língua portuguesa um importante manuscrito de Anders: as *Teses para a era atômica* – publicado originalmente em 1962 como síntese de um seminário pronunciado em 1959 – o qual pode ser visado na edição de número 87 (abril de 2013) da *Revista Sopro*. A tradução foi realizada por Alexandre Nodari e Déborah Danowski. Sobre a coletânea portuguesa com textos de Anders, cf. MENDES, J.; SYLLA, B. J. *Tecnofilosofia líquida: Anders, Blumenberg e Sloterdijk*. Braga: Centro de Ética, Política e Sociedade, 2019. Entre a submissão e a publicação desta resenha um outro livro de Günther Anders foi publicado no Brasil pelo selo editorial *n-1*. Trata-se do livro *A ameaça atômica: reflexões radicais sobre a era nuclear* (Novembro/2023).

intimidade, aos bastidores da atividade filosófica. São cartas abertas pois Anders sabe que a mensagem evidencia uma determinada situação civilizacional coletiva. É notável que Anders tenha formulado dois de seus textos mais impactantes através desse gênero literário. No limite, que o tenha escolhido para tratar de barbáries como Auschwitz e Hiroshima. As cartas enviadas a Klaus Eichmann seguem àquelas endereçadas a Claude Eatherly, o oficial das Forças Aéreas do Exército dos EUA responsável pelo lançamento da bomba atômica em Hiroshima, no Japão, em 6 de agosto de 1945.<sup>5</sup>

Quase um desconhecido no país, Günther Anders esteve próximo de nomes relativamente familiares ao público acadêmico brasileiro. Logo após a conclusão do ensino secundário, em 1920, teve aulas com Erwin Panofsky e Ernst Cassirer durante seus breves estudos em História e Filosofia da Arte, na Universidade de Hamburgo. Em *Freiburg*, foi aluno de Heidegger e Husserl – este último com quem Anders concluiu sua tese de doutoramento em 1924, aos 22 anos. Dois anos mais tarde, em 1926, voltaria a frequentar os seminários de Heidegger, agora em *Marburg*. Ironicamente, nesses cursos conheceria sua futura esposa Hannah Arendt, com que foi casado entre os anos de 29 e 37.<sup>6</sup> Viveram juntos em *Heidelberg*, abrigados sob o teto de Karl Jaspers, orientador de Arendt. Dedicado desde a década de 1920 nos trabalhos sobre fenomenologia e antropologia filosófica, Anders travou contato com Max Scheler e Helmuth Plessner. Foi assistente de Scheler e sabe-se que Plessner até mesmo procurou aloca-lo como professor na Universidade de Berlim após o retorno do exílio. Na capital alemã, trabalhou como redator e dedicou-se com maior afinco à sua produção literária. Foi próximo a círculos de escritores na República de Weimar, que envolviam Bertolt Brecht e Thomas Mann, por exemplo. De origem judia, teve que exilar-se em razão do regime nacional-socialista na Alemanha e com o acirramento da Segunda Guerra Mundial. Primeiro em Paris, onde aprofundou contato – mais político do que teórico ou pessoal – com seu primo segundo Walter Benjamin. Nos Estados Unidos viveu tempos difíceis em sua carreira intelectual, sendo forçado a trabalhar como

<sup>5</sup> Há uma edição em língua espanhola dessas cartas, caso pareça interessante aos leitores, ver: ANDERS, Günther. **El Piloto De Hiroshima**. Barcelona: Espasa Livros, 2003.

<sup>6</sup> Anders escreveu algumas memórias e diálogos (um *mélange* de lembranças e de ficção) sobre o relacionamento com Arendt, publicado de modo póstumo em 2011. Caso seja interessante ao leitor, ver: ANDERS, Günther. **La batalla de las cerezas** [*Die Kirschenschlacht*]. Mi historia de amor con Hannah Arendt. Tradução Alicia Valero Martín. Barcelona: Paidós, 2013.

operário em Los Angeles. Herbert Marcuse foi quem o alojou temporariamente, possibilitando seu encontro com outros exilados alemães na América, como Adorno.<sup>7</sup>

Em terras brasileiras, o relato mais conhecido a respeito do julgamento de Adolf Eichmann é o clássico livro de Hannah Arendt: *Eichmann em Jerusalém*, no qual Arendt introduz sua formulação de *banalidade do mal*. A primeira missiva remetida por Günther Anders a Klaus Eichmann coincide com o ano da primeira publicação de *Eichmann em Jerusalém*: 1963. Não é por um acaso que o leitor poderá encontrar ressonâncias entre ambos os escritos. A hipótese comum aos dois, grosso modo, é que um mero indivíduo quando empregado por um aparelho sociopolítico colossal, tornando-se um funcionário desse aparelho, transforma-se também em cúmplice de males gigantescos. É de tal maneira que essa capacidade de destruição imputada a pessoas insignificantes propaga-se de forma irrefletida em suas vidas, ocasionando uma obstrução de qualquer autoconsciência sobre suas ações ou sobre a responsabilização pelos atos cometidos no interior dessa estrutura.<sup>8</sup>

Precisamos, de antemão, reconhecer dois méritos da publicação: o primeiro é a escolha por iniciar as traduções de Günther Anders no Brasil – a editora *Elefante* promete seguir adiante com a publicação das obras de Anders – justamente por *Nós, filhos de Eichmann*. Embora seja uma reflexão breve no que refere-se ao número de páginas, o volume é uma excelente introdução das teses gerais de Anders. Ele é ao mesmo tempo sintético e completo. Aliás, impressiona a capacidade de síntese do autor. É de tal forma igualmente exitosa que Anders procede em suas *Teses para a era atômica*. É uma introdução ainda pois trata-se de um convite atraente para seguir as trilhas de suas obras mais longas. Aqui estão condensadas, sem que a força analítica esvaneça, o cerne das suas preocupações antropológicas e políticas. O segundo mérito é a ótima fluidez do texto em português, o que deve-se ao trabalho feito por Felipe Catalani, franco conhecedor das ideias filosóficas alemãs, em

<sup>7</sup> Mais informações bibliográficas sobre Günther Anders podem ser consultadas no site da *Internationale Günther Anders-Gesellschaft*: <https://www.guenther-anders-gesellschaft.org/>. Acesso em: 14/06/2023.

<sup>8</sup> ARENDT, 1999.

especial no século XX e de figuras como Theodor W. Adorno e do próprio Günther Anders.

O que fica evidente nessas cartas abertas é a desenvoltura literária de Günther Anders. Sua habilidade faz jus a alguém estimado como exímio fenomenólogo. Afinal, embora estejam dispostas uma variedade de categorias com considerável densidade metafísica, Anders não se esquivava de fazer aquilo que um bom fenomenólogo faz: descrever. A descrição como *estilo*. Anders aproximou seus trabalhos de duas tradições específicas do pensamento ocidental: a antropologia filosófica (da qual nunca se desvincilhou) em interface com a fenomenologia; e a Teoria Crítica, embora não estivesse circunscrito diretamente à *Escola de Frankfurt*. O que nota-se em *Nós, filhos de Eichmann*, é que essas posições se envolvem mutuamente em vista de uma crítica à sociedade moderna. Em certa ocasião, Felipe Catalani qualificou Günther Anders entre o *fenomenólogo* e o *agitador*, tratando da formação de juventude marcada pela presença de Edmund Husserl e Martin Heidegger, da dissidência com seus mestres pela formulação de uma singular antropologia filosófica com viés “materialista”; e de seu posterior alinhamento com a teoria crítica (Catalani, 2021). Novamente em relação ao estilo, parece que uma característica do texto resenhado é a insistência pela exposição das hipóteses. Uma espécie de recapitulação que significa pôr em jogo um mesmo argumento por diversas vezes, procurando obstinadamente uma linguagem última que o faça mais visível enquanto fenômeno. Suas sentenças agudas como “o cego que não compreendeu que é cego”; “tornamo-nos analfabetos emocionais”; “o estômago tornou-se o último asilo da moral e da misericórdia”; “Para ele, seres humanos eram igualmente cadáveres em potencial”; “todos vocês são filhos de uma mesma época”; etc., ditam as tonalidades narrativas do livro. Se esse desespero é recorrente e dominante na intensidade do livro, também existem passagens esperançosas na escrita de Günther Anders, nas quais o talento literário é igualmente presente. O autor mostra domínio narrativo para cadenciar os momentos de reflexão filosófica densa e os dramas: “Você, agora, tornou-se um adulto pleno, enquanto eu me tornei um homem bastante velho, cuja a voz talvez possa entrar somente em seus ouvidos, não mais em seu coração”, principia a segunda carta para Klaus Eichmann. (Anders, 2023, p. 76).

É pertinente fazermos algumas breves considerações sobre os espaços que Günther Anders transita na história das ideias. De maneira geral, nas palavras de Anders, explícitas no segundo tomo d' *A obsolescência do homem*, sua obra magna seria uma “filosofia da técnica”, mais precisamente “uma antropologia filosófica na era da tecnocracia” (Anders, 2011, p. 13). De fato, vale recordar o contato de Anders com o trabalho de dois grandes nomes da antropologia filosófica já mencionados acima: Helmuth Plessner e Max Scheler. A inquietação de Anders sobre homem e sua natureza está lado-a-lado com suas preocupações sociais e políticas. Em *Nós, filhos de Eichmann*, Anders parece resgatar essa relação ao sinalizar para a “perda do aspecto de seres humanos na proporção em que cresce o aspecto maquinal de nosso mundo” (Anders, 2023, p. 56). O que define a técnica é que trata-se de algo extracorpóreo (um dispositivo cultural), através do qual o humano amplifica suas capacidades corpóreas. Se levarmos a sério a afirmação de Arnold Gehlen que “a necessidade da técnica deriva da deficiência orgânica do ser humano”, bem como a fórmula do *homo compensator* sugerida por Odo Marquard – um homem que necessita “compensar” sua natureza imperfeita – em Günther Anders essas circunstâncias de deficiência e de compensação são elevadas ao limite.<sup>9</sup> Ou seja: poderíamos dizer então, nesse sentido, que a técnica aparece aqui como uma invenção humana em vista de sua carência produtiva por natureza, e que essa mesma invenção passa, dado um limite da vida material, a consumir seu próprio criador, a consumir as características singulares e universais do ser humano. Identificamos ao menos duas passagens que indicam essa justaposição entre a condição humana e sua ressonância social. Em certa altura, ao avaliar a reciprocidade entre *luto* e *respeito*, diz: “Pois essa unidade mostra que não somos cindidos: aqui a criatura natural que chora, e lá a criatura moral que respeita. Mostra que somos uma coisa só” (Anders, 2023, p. 16). Adiante, Günther Anders escreve sobre um “tabu rudimentar”, que seria um obstáculo próprio a todo ser humano, um impedimento até mesmo para capangas que tentam conceber as consequências dos seus planos: “[...] é isso que está em jogo aqui – que eles também vieram ao mundo como seres humanos e, enquanto tais, ainda carregam *derradeiros rudimentos de tabu*; rudimentos que lhes são um grande estorvo” (Anders, p. 40). Klaus Eichmann

<sup>9</sup> GEHLEN, 2006, p. 9.

é, portanto, um arquétipo de uma situação moral que tensiona ao extremo nossos impulsos mais naturais, como o chorar ou entristecer-se com a morte de alguém.

Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento* (1985) sentenciaram que “a maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão” (p. 41). Tal fórmula é adequada também para Anders. As esperanças *otimistas* e *ingênuas* (os termos são do autor resenhado) no avanço do esclarecimento (*Aufgeklärtheit*) dos seres humanos através do progresso técnico não se realizaram. Hoje, diz Anders, metanarrativas (o termo é nosso) como essa apenas acentuam a *dark age* que vivemos. A persistência de um otimismo com relação à tecnologia é para Anders uma estratégia dos “*obscurantistas da era da técnica*, cujo maior interesse reside em *nos manter no escuro sobre o fato do obscurantismo*; ou melhor, em ininterruptamente produzir tal obscuridade” (Anders, 2023, p. 26). A irrefreável regressão significa que “quanto mais intenso é o ritmo do progresso, mais rapidamente afunda nosso ‘esclarecimento’, e mais cegos nos tornamos” (Anders, 2023 p. 27). Talvez seja essa a aproximação mais explícita de Anders com os pretextos da Teoria Crítica, ao menos tratando-se do livro em questão.

A noção transversal da obra de Anders é a de *discrepância prometeica*, ao ponto de estabelecer o que seria uma *diskrepanzphilosophie* (filosofia da discrepância).<sup>10</sup> Por discrepância entende-se que há uma assimetria, um desnível. O adjetivo *prometeico*, tanto no mito grego como no romance moderno, aponta para uma reviravolta, seja contra aquilo que lhe concebeu, contra sua origem ou seu criador. Aqui, o adjetivo prometeico indica o potencial da máquina em se autonomizar e voltar-se contra o ser humano. Isto é: o sentido que Anders confere ao conceito busca sintetizar a condição dos seres humanos em vista da dependência técnica na vida cotidiana. Como já exposto, Anders é um crítico radical do projeto social moderno, de sua (o termo novamente é nosso) metanarrativa do progresso da qual a técnica atua como propulsora. Günther Anders preocupou-se ativamente com os perigos desencadeados pela civilização tecnológica, em especial das “mutações da

<sup>10</sup> Felipe Catalani escreveu um ótimo artigo sobre as origens e desdobramentos do termo *discrepância*, atribuindo a Walter Benjamin o uso pioneiro do conceito para analisar um fenômeno semelhante. Em Anders, o conceito adquire espessura teórica, constituindo de maneira sistemática uma *Diskrepanzphilosophie* (filosofia da discrepância). CATALANI, 2022.

alma” – este é o subtítulo de *A obsolescência do homem – e do estágio atômico* dessa civilização. Envolvido pela discrepância, o ser humano é moralmente desorientado pela contraposição entre as faculdades da imaginar (*Vorstellen*) e de produzir (*Herstellen*). A capacidade humana de *imaginar* algo – que diz respeito à sensibilidade, a autoconsciência, a cognição, aos juízos, a coesão entre linguagem e pensamento e ao “representar para si mesmo” – torna-se aquém da capacidade de *produzir*, potencializada pelas máquinas e outros aparatos técnicos. Nas *Teses para a era atômica*, Anders situa essa defasagem sob a perspectiva de um *utopista invertido*: “enquanto utopistas comuns são incapazes de produzir o que de fato são capazes de imaginar, nós somos incapazes de imaginar o que estamos de fato produzindo”.<sup>11</sup> Há três pontos importantes para serem sublinhados: 1-) a discrepância é, de tal modo, universal: não há ser humano que dela possa escapar. 2-) Tal conjuntura decorre do processo civilizatório capitalista e do trabalho industrial (isto é: que os homens trabalham *em função* das máquinas). 3-) A discrepância produz uma “cegueira moral” que nos faz ingênuos em relação aquilo que produzimos e planejamos. No limite, ao não conseguirmos imaginar as *monstruosidades* da técnica – como o assassinato fabril de milhões de seres humanos pelo Holocausto ou pela bomba atômica lançada em Hiroshima –, tornamo-nos, simultaneamente, os inocentes e os culpados pelo horror, trabalhamos em favor da própria morte sem ao menos tomar partido disso. Em outras palavras: não há como assumir a *responsabilidade* por aquilo que não supomos ser capazes de realizar. Discrepância, portanto, descreve a perversão das condições humanas mais básicas, intensificada por fatores socioculturais, como é a técnica.

É central nas cartas de Anders que a singularidade atribuída ao nome Eichmann não possui qualquer validade. A aparição do nazismo e do Holocausto evidenciou essa responsabilidade com a qual não podemos lidar e que deriva da situação moral que Anders chamou de discrepância. Nesse sentido, somos um conjunto de homens – *Eichmänner* (Os Eichmanns) – imersos no monstruoso. Helmuth Plessner – a quem já fizemos menção como um dos pioneiros da antropologia filosófica – e Anders movimentaram de modo análogo o conceito de monstruosidade (*Unmenschlichkeit*) como

<sup>11</sup>ANDERS, 2013, p. 5.

sinônimo de desumanização. Na década de 60, Plessner escreveu um pequeno texto intitulado *Das Problem der Unmenschlichkeit* (O problema da monstruosidade). Nesse ensaio, Plessner sugere que “a monstruosidade não está ligada a nenhuma época histórica específica, independentemente de sua grandeza ou ausência de grandeza histórica, mas sim a possibilidade dada ao homem: a de negar a si e seu semelhante” (Plessner, 2009, p. 150). Anders parece estar de acordo com tal argumento. A “perversão” ou “negação” do humano seria justamente o resultado trágico – o assassinato fabril de seres humanos – do desempenho técnico e da obstrução de faculdades humanas como o *sentir* e o *imaginar*. Plessner não versou de maneira detida e profunda sobre a questão da técnica. Entretanto, há passagens em que aparenta desconfiar das possíveis monstruosidades ocasionadas pela técnica, aproximando-se das reflexões de Anders: “O *homo faber* que transforma um pedaço de madeira numa flauta fará também dos homens instrumentos quando lhe der na cabeça” (Plessner, 2009, p. 148). Ou ainda: “[...] a opinião pública reage, quando muito, com surpresa e admiração diante das possibilidades da medicina; entretanto a ninguém perturba a ideia de que o homem deva se tornar uma máquina” (Plessner, 2009, p. 146). Em Günther Anders, é justamente a possibilidade de “negar a si mesmo e ao seu semelhante” que a técnica potencializa – em diferentes intensidades a depender das situações históricas, mas sempre uma negação. É a isso que se refere quando fala do “crescente *aspecto maquinal* do mundo” em proporção inversa ao *aspecto humano*.

O raciocínio é o seguinte: a expansão da técnica no mundo da vida resultou numa situação moral que Anders sistematizou como discrepância prometeica. A discrepância prometeica produz o monstruoso ao mesmo tempo que nos impede de compreendê-lo e agir contra ele. Trata-se assim de um dado universal da sociedade capitalista em relação a todo ser humano. É preciso esclarecer: como é possível declarar Adolf Eichmann culpado por seus atos ou suas leniências se essa condição geral afeta a todos que tem diante de si uma ação monstruosa, seja vítima ou algoz? Anders explica que embora ninguém possa esquivar-se dessa regra, existem dois comportamentos diferentes frente o fracasso eminente da tentativa de mensurar efeitos do monstruoso: uma delas aparece como *alerta* ou *chance* e a outra como uma espécie de *resignação* ou



*justificativa*. Anders menciona uma *oportunidade moral positiva*: “no choque de nosso fracasso reside um poder de alarme”, escreve. Tal oportunidade consiste no despertar do modo ingênuo como estamos circunscritos na produção do monstruoso. Se esforçar para imaginar os efeitos dos atos que nem mesmo você pensava contribuir e falhar é ir de encontro ao monstruoso – pois não existe humano capaz de *representar a si mesmo* a dimensão do extermínio de milhões de pessoas. A partir desse “fracasso” torna-se possível um reexame próprio da situação, acometido então por um *medo salutar* que o desloca da impessoalidade “eichmanniana”. Nos termos do autor: “esse alguém teria deixado para trás a zona de perigo na qual algo *eichmanniano* poderia ocorrer, na qual poderia se ‘tornar um Eichmann’” (Anders, p. 36). Por outro lado – a isso deve-se a responsabilização de Adolf Eichmann –, quem pôde fracassar em conceber os efeitos de suas ações – e logo sabe que está diante do monstruoso pelo simples fato de não conseguir imagina-lo –, tendo a igual *chance* de revisar ou combater sua posição “inocente” no interior da engrenagem, optou por cinicamente utilizar da cegueira para justificar suas aberrações, já haverá se transformado num Eichmann. “Ora, seu pai utilizou esse fracasso igualmente como chance. Mas em um sentido diametralmente oposto ao nosso. Pois aquilo que ele fez não foi alerta algum, mas, pelo contrário, uma justificativa de seus efeitos” (Anders, p. 41). De forma resumida: “Eu não vejo diante de mim milhões de pessoas que mandei serem assassinadas por gás. Eu não consigo vê-las diante de mim. Logo, posso tranquilamente mandar que as matem com gás” (Anders, 2023, p. 41).

Em paralelo à ideia de *discrepância prometeica*, Anders delimitou a noção de *vergonha prometeica*, a qual dedicou uma longa introdução do primeiro volume de *Die Antiquiertheit des Menschen* (2011a). Por essa categoria Anders sugeriu um “constrangimento” encaminhado pelo excessivo atrelamento e convívio do humano com máquinas e objetos tecnicamente produzidos. Trata-se, por assim dizer, de um estranhamento entre criador e criatura. (novamente aparece aqui o lugar-comum do adjetivo prometeico). O desconforto existencial em saber-se imperfeito e defasado em relação aos aparatos técnicos precisamente calculados. Um desejo de ser objeto, coisa. Em *Nós, filhos de Eichmann* surge um conceito-chave: *comaquina*. “O que quero dizer – sei que esta tese soa aventureira – é que nosso mundo, em sua

totalidade, transforma-se em máquina; que está em vias de se tornar uma máquina” (Anders, 2023, p. 50). A circunstância de que nosso desempenho como humano deve equiparar-se ao desempenho da máquina para mantê-la em funcionamento pleno, implica que os parâmetros de perfeição e confiabilidade do trabalho humano – das suas tarefas em geral – são redefinidos a partir da performance máxima das máquinas como referente. Esse trabalhar “em função de” revela que: “*toda máquina é expansionista, para não dizer imperialista; cada uma delas cria para si seu próprio império colonial de serviços (composto por fornecedores, equipes de serviço, consumidores, etc.)*” (Anders, 2023, p. 51). É esse princípio de autoexpansão da máquina que levará, diz Anders, a uma conjuntura *técnico-totalitária* que, vislumbrada desde as primeiras máquinas, agora se enraíza com uma espantosa velocidade. O ser humano, carente de suas faculdades mais básicas e tomado por um desejo de ser coisa, será *liquidado* enquanto tal. Sua função será tão somente mecânica, como uma peça da grande máquina-mundo (Anders, 2023, p. 56). Enquanto *comaquinais*, estaremos absolutamente imersos na cegueira da discrepância e “com toda naturalidade, milhões entre nós serão empregados para ajudar a preparar a possível liquidação de populações, talvez até mesmo de toda humanidade” (Anders, 2023, p. 58).

A junção de todas células comaquinais levará ao triunfo das supermáquinas – máquinas que dobram outras máquinas conforme sua finalidade produtiva – sobre a condição humana, fará com que gerações futuras, envolvidas pela autoridade total da técnica, olhem para o colapso da indústria *nazista* “como um ensaio geral do totalitarismo, adornado por uma ideologia patética, que se julgou capaz de antecipar à história do mundo” (Anders, 2023, p. 57). Se no começo desta resenha falamos da inquietação veemente de Anders com a questão nuclear, é porque esse “princípio da expansão” das máquinas também vale para os armamentos nucleares e, nesse sentido, trabalhar em função de tal técnica é contribuir largamente em favor da aniquilação coletiva no Planeta Terra. No final das contas, *Nós, filhos de Eichmann* não é um livro convencional sobre o nazismo e sobre o Holocausto, ele é ainda a continuidade de uma filosofia da técnica, agora amparada historicamente. A primeira missiva de Anders é marcada pelo incômodo persistente, como estivéssemos no fio-da-navalha ou à beira de uma falésia. Ela

torna-se gradualmente mais crítica na medida em que compreende-se de modo mais claro as raízes por debaixo de um evento como o Holocausto. Quer dizer: que ele não se trata de um incidente, mas que esses eventos fazem parte de uma estrutura maior que dificilmente poderá ser desfeita. Isso porque tal estrutura continua cotidianamente a provocar a desumanização, tornando tais gestos monstruosos uma *regra* e não mais uma *exceção*. Retomando Plessner, a técnica tornou abrangentes as possibilidades de negar a si e seu semelhante. A súplica de Günther Anders é para impedirmos a repetição do monstruoso, evitar que o futuro seja uma versão aprimorada do passado. “Você percebe algo, Klaus Eichmann? Percebe que o assim chamado problema Eichmann não é um problema de ontem? Que ele não pertence ao passado?” (Anders, 2023, p. 59).

A breve segunda carta de Anders para Klaus Eichmann – escrita 25 anos após a primeira e quatro anos antes da morte do autor – confronta-se e busca lidar com um fenômeno específico: o crescimento das negações de Auschwitz e do passado nazista na Alemanha. Na primeira mensagem, Anders não infere uma culpa direta a Klaus pela contingência hereditária que o atingiu – afinal, em nossa época todos podemos ser filhos de Eichmann –, mas o lembra do fato dele ser um *Eichmann exemplar*, isto é: que detém uma voz importante em relação aos seus semelhantes, aquele que poderia guiar o coro contra as injustiças cometidas por seu pai. O que desdobra-se na carta de 1988 é uma permanência do “problema Eichmann” no presente como um passado traumático e persistente. O argumento de Anders é que esse problema não pertence de modo natural ao passado, mas que toda omissão das responsabilidades que tocam as elaborações históricas e políticas desses eventos, acaba por perpetuar o horror na forma de sua negação. “De lá para cá você encontrou um grande número de aliados. Os homens aos quais me refiro não são *velhos nazistas*, colegas de seu pai, mas também, e sobretudo, *novos nazistas*” (Anders, 2023, p. 81). Esses novos nazistas, prossegue, são homens que recusam a admitir e ridicularizam o Holocausto, sustentando-se pela falácia da *culpa coletiva*, ou seja: pelo argumento da ausência de reponsabilidade sobre um passado que eles não vivenciaram e que, portanto, a eles não pertenceria: “a indignação do fato que se ‘exige’ deles que se envergonhem de uma parte do passado ‘deles’, ou ao menos que dela se

distanciem” (Anders, 2023, p. 81). Podemos entender que trata-se ainda de um certo “conflito geracional” entre aqueles que experimentaram o nazismo e aqueles que, além de negarem seu vínculo enquanto indivíduo ou geração, desacreditam da cumplicidade e dos feitos macabros de seus pais durante o regime. Essa “mentira de Auschwitz” (*Auschwitzlüge*), diz, ressoa até mesmo entre intelectuais como jornalistas, historiadores e cientistas políticos. Os intelectuais adotam uma postura pouco mais elaborada, não abertamente negacionista, mas utilizando-se de argumentos e jargões que relativizam as atrocidades do nazismo, como se elas fossem “somente mais um ato de crueldade na história humana”, descartando seu caráter industrial e massivo. Mais ainda: como essas atrocidades fossem “um simples revidar, um evento de eco” em relação ao “avanço bolchevique na Europa central” (Anders, 2023, p. 88-89). Diga-se: o menor dos males. “Esse argumento de que o trabalho sujo de seu pai poderia ser absolvido ou mesmo anulado pelo trabalho sujo dos outros seria, ele mesmo, já uma sujeira” (Anders, 2023, p. 97).

Koselleck afirmou que a experiência moderna da história tensiona a disposição universal e antropológica que possuímos em nos relacionar com passados e com futuros (Koselleck, 2006, p. 307-327). De maneira que “só se pode conceber a modernidade como um tempo novo a partir do momento em que as expectativas passam a se distanciar progressivamente das experiências feitas até então” (*Ibid.*, p. 314). Felipe Catalani (2022) já havia sublinhado como o progresso e a aceleração moderna é também, e principalmente, sentida na esfera da técnica, e que Günther Anders, tal como Walter Benjamin, adota uma postura crítica à noção progressista da técnica. Poderíamos, portanto, afirmar que a *discrepância prometeica* caracterizada por Anders, a desorientação moral e antropológica, pode ser derivada do sintoma temporal moderno incorporado à esfera da técnica, isto é: a técnica sedimenta o presságio de que expectativas futuras devem diferir substancialmente das experiências passadas. O progresso técnico dilata nossos “horizontes de expectativa”, ao passo que seus sentidos ultrapassam em larga medida aqueles agrupados no “espaço de experiência”. Ou seja, na linguagem de Anders, não imaginamos mais o que somos capazes de produzir. Enfim, caso aceitemos a relação acima, poderíamos afirmar então que a *discrepância prometeica* é ainda uma perda de *consciência histórica*. E que, portanto, toda e

qualquer atitude ética-histórica possível requer restaurar os laços temporais dilatados pela técnica. Requer recuperar a fórmula “aprender com a história” perante a inteligência das máquinas.

\*\*\*

Que a possível recepção ampla de *Nós, filhos de Eichmann* possa despertar o ensino pela vinda de outros escritos de Günther Anders, dentre os quais eu destacaria os dois tomos da monumental *Die Antiquiertheit des Menschen* (A obsolescência do homem). Esta resenha foi produzida em cima de uma advertência que precisa ser levada em consideração a respeito da produção intelectual do autor resenhado. Conhecemos relativamente bem no Brasil a teoria crítica institucionalizada na *Escola de Frankfurt*, todavia, ainda desconhecemos de outra tradição a que Anders vinculou-se de modo ainda mais direto: a *antropologia filosófica*. As sobreposições de seu pensamento com Adorno, Horkheimer e Walter Benjamin devem cativar a atenção do público brasileiro no primeiro momento. Contudo, a leitura cuidadosa dos textos de Günther Anders poderia ainda representar um avanço expressivo no estudo dos usos e desdobramentos da fenomenologia, posteriores às investigações fundadoras de Husserl e para além da analítica heideggeriana do *Dasein*. Suas reflexões sobre a história, a política e o ser humano na era atômica do desenvolvimento tecnológico poderiam servir como uma espécie de incentivo para a compreensão – no âmbito acadêmico brasileiro, em específico – das produtivas concepções lógicas que o entrelaçamento entre fenomenologia e antropologia filosófica adicionam às ciências humanas. Particularmente, na oposição dos pressupostos epistemológicos e políticos da antropologia filosófica às modernas filosofias da história.<sup>12</sup> Para finalizar, esperamos que as críticas incisivas de Anders reverberem no debate público e suas múltiplas performances teóricas e práticas intensifiquem nossa capacidade de imaginação política, promovendo um frescor dos vocabulários – contra toda e qualquer automação do pensamento – que circunscrevem as tradições da sociologia, da historiografia e, evidentemente, da filosofia.

<sup>12</sup> Sobre o assunto, ver: MARQUARD, 2007.

## Referências bibliográficas

ANDERS, Günther. **La obsolescencia del hombre**. Sobre el alma em la época de la segunda revolución industrial. Tradução: Josep Monter Pérez Valência: Pre-Textos, 2011a.

ANDERS, Günther. **La obsolescencia del hombre**. Sobre la destrucción de la vida en la época de la tercera revolución industrial. Tradução: Josep Monter Pérez Valência: Pre-Textos, 2011b.

ANDERS, Günther. Teses para a era atômica. Tradução: Alexandre Nodari e Déborah Danowski. **Revista Sopro**, nº 87, 2013.

ANDERS, Günther. **Nós, filhos de Eichmann**: carta aberta a Klaus Eichmann. Tradução: Felipe Catalani. São Paulo: Editora Elefante, 2023, 112 p.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CATALANI, Felipe. Günther Anders: fenomenólogo e agitador. **Cadernos do LELPraT**, v. 2, p. 101-127, 2021.

CATALANI, Felipe. A inocência perdida das forças produtivas: o progresso das armas e as origens da 'discrepância prometeica' (Walter Benjamin, Günther Anders). **Revista Limiar**, v. 9, 2022.

GEHLEN, Arnold. **Antropología filosófica**. Barcelona: Paidós, 1993.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução: Wilma Patrícia Maas, Carlos Pereira Almeida. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

MARQUARD, Odo. **Felicidad en la infelicidad**. Buenos Aires: Katz, 2006, p. 9.

MARQUARD, Odo. **Dificultades com la filosofia de la historia**. Valencia: Pre-Textos, 2007.

PLESSNER, Helmuth. O problema da monstruosidade [Das Problem der Unmenschlichkeit]. Tradução: Sérgio da Mata. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 7, p. 145-151, 2009.



Capa da edição brasileira (Editora Elefante, 2023) do livro *Nós, filhos de Eichmann*, de Günther Anders. Reprodução do site da editora: <https://elefanteeditora.com.br/produto/nos-filhos-de-eichmann/>